

# Limpar a Alma

Emília Silvestre

Kevin... Dermot...Joe...

Três gerações de homens irlandeses, de Dublin, que partilham connosco as suas histórias de relações perdidas e fracassos. Histórias de solidão e de culpa. Eles colocam-se do lado de fora de si próprios e olham para as suas vidas, tentando identificar o momento exacto em que a esperança, o amor e a felicidade lhes escaparam. Como o título sugere,

(*Embarques*, no original *Port Authority*), este é um lugar simbólico de paragem para reflexão, para confissão. Um lugar onde esperam poder limpar a alma e seguir caminho.

Todos eles são incapazes de se confrontarem com os seus sentimentos e parece que estão melhor equipados para articularem o que sentem do que para o demonstrarem! Ou será que pelo facto de contarem as suas histórias as tornam mais reais perante si mesmos e as afastam definitivamente da possibilidade de pertencerem ao domínio do sonho e da imaginação? Ou será que contarem as suas histórias funciona como antídoto ao silêncio que domina as suas vidas? Na linha da tradição irlandesa dos “contadores de histórias”, Conor McPherson procura estabelecer no teatro o sentido de comunidade entre o público, o actor e o autor: “Adoro a intimidade de alguém que fala directamente para ti e o jogo que se cria com isso. Sabes que é apenas um actor mas, ao mesmo tempo, queres acreditar no que ele diz, queres que seja real (...)”. Ouvimos as confissões destes três homens e compreendemos os seus medos, as suas tentativas falhadas de comunicação, as suas esperanças, e ansiedades. E olhamos para as caras deles e ouvimos o que nos contam e rimo-nos com eles e choramos as suas perdas e ilusões e, por instantes, vêmo-nos a nós próprios e isso é arrepiante!

Já “contámos histórias” de outros irlandeses... lembram-se da *Molly Sweeney* de Brian Friel ou da *Dama D'Água* de Frank MacGuinness e, mais recentemente, *Todos os que Falam* e *A Última gravação de Krapp* de Samuel Beckett? E a eles voltaremos, sempre, porque sentimos, com eles, que viver é espantosamente difícil e que a solidão é universal e faz parte da condição humana. Mas, quem sabe? Talvez se continuarmos a contar histórias o medo desapareça...